

Estilo vertical e autoritário de Macron enfraquece democracia, diz filósofa

Myriam Revault D'Allonnes (entrevista Fernanda Menna)

Folha de S.Paulo, 28.mar.2023

Para Myriam Revault D'Allonnes, autora de 'O Espírito do Macronismo', negação do diálogo transforma protestos contra reforma em atos antigoverno

A conturbada condução da reforma da Previdência pelo governo da França evidencia uma visão enviesada do presidente Emmanuel Macron do que é uma democracia, numa versão restrita ao exercício do voto e aos procedimentos parlamentares, despolitizada e sem negociações.

Para a filósofa política Myriam Revault D'Allonnes, 80, professora emérita da Escola Prática de Altos Estudos (EPHE), em Paris, e autora do livro "O Espírito do Macronismo", lançado em 2021 na França e sem tradução no Brasil, a concepção "corporativa" de governo e de sociedade de Macron se traduz em práticas "autoritárias e verticais" que incendiaram os protestos de rua contra o projeto previdenciário do governo.

De fato, as manifestações que levaram milhões de franceses às ruas vinham perdendo força quando a primeira-ministra, Elisabeth Borne, evocou o artigo 49.3 para aprovar a reforma da Previdência horas antes de uma votação de resultado incerto na Assembleia Nacional. Esse dispositivo constitucional permite que o governo aprove medidas automaticamente, sem submetê-las à votação parlamentar, e, por isso, é considerado pouco democrático.

O recurso ao 49.3 inflamou manifestantes e gerou adesões espontâneas aos protestos, que se radicalizaram desde então. O presidente jogou gasolina na fogueira quando, em rede nacional, afirmou que sindicatos opositores ao projeto não haviam apresentado propostas sobre a reforma —Macron ignorou sistematicamente os pedidos de reunião das lideranças trabalhistas.

As manifestações cresceram e se tornaram mais violentas, adotando um caráter antimacronista, para além da pauta previdenciária, o que aprofunda a crise política e social que desafia a estabilidade da França. Uma nova jornada de protestos acontece nesta terça-feira (28) em todo o país.

"O governo da França tem aumentado o uso de procedimentos que impedem os debates e que, cada vez mais, parecem enfraquecer a vitalidade democrática", avalia D'Allonnes, que é também pesquisadora associada do Centro de Pesquisas Políticas da Science Po (Cevipof).

"A tentativa de Macron de ir além das oposições que considera obsoletas (como direita e esquerda) atesta uma visão estranha à realidade da experiência política. Pois a nação não é uma 'start-up', é uma solidariedade que não se reduz a uma sociedade empresarial", afirma ela.

Para D'Allonnes, "os protestos atuais dão testemunho de uma profunda resistência" ao projeto político apresentado por Macron ao mesmo tempo em que implicam em risco à democracia francesa. Segundo pesquisa do Instituto Francês de Opinião Pública (Ifop) divulgada na semana passada, o Reunião Nacional (RN), partido populista de

ultradireita de Marine Le Pen, foi o que mais se beneficiou da insatisfação do eleitor francês. A sigla ampliou suas intenções de votos para o Legislativo mais que outros partidos de direita, centro ou esquerda.

□

Quais são as principais características do que a senhora chamou de "o espírito do macronismo"? O "macronismo" não é uma doutrina ou uma ideologia no sentido de um corpo de ideias organizado e coerente, mas, sim, uma racionalidade global, uma visão do mundo e do vínculo social. O modelo é o dos negócios e da gestão [privada]. Os indivíduos devem se comportar como "atores empreendedores": os critérios essenciais são eficiência, cálculo racional e preocupação com o desempenho. Macron apela à "inovação" em vez do progresso, ao desenvolvimento das competências em vez de um projeto político de longo prazo. O modelo corporativo torna-se o de governo, com o risco de produzir um efeito deletério, que é o da despolitização e da ausência de debate sobre as questões reais de uma sociedade democrática.

Como o uso do artigo 49.3 para aprovar a reforma previdenciária ilustra o macronismo? O artigo 49.3 é um dispositivo legal que foi introduzido com a 5ª República. Recomenda-se utilizá-lo somente em casos excepcionais. Outros governos o utilizaram para evitar a proliferação de emendas que pudessem travar projetos. Mas uma "vitória" parlamentar alcançada pelo artigo 49.3 escamoteia a votação e é sempre percebida como um teste de força que enfraquece a legitimidade do regime.

Na situação atual, o governo tem aumentado o uso de procedimentos que impedem os debates e que, cada vez mais, parecem enfraquecer a vitalidade democrática. É aquilo que Laurent Berger [secretário-geral da Confederação Francesa Democrática do Trabalho], chamou de "vício democrático". O uso do 49.3 está se tornando cada vez mais mal aceito pela opinião pública, e seu uso em uma reforma fundamental como a da Previdência é sintoma da prática vertical e autoritária de Emmanuel Macron.

Por que os protestos contra a reforma previdenciária cristalizaram um tom antimacronista? O que era inicialmente um protesto maciço contra uma reforma tida como desajeitada, mal preparada e sobretudo injusta, que ignora a realidade social e as condições de trabalho, transformou-se em um movimento muito mais global que manifesta, basicamente, uma recusa do tipo de sociedade proposta pelo macronismo. Essa recusa é social: desafia a visão empreendedora, alheia à social-democracia, mas que, no entanto, é cada vez mais evidente nos projetos do atual governo. Mas é também uma recusa política: o estilo de governo de Macron, vertical e autoritário, é recusado em nome da prática democrática. Além disso, sua cegueira diante da realidade e sua recusa em dialogar são percebidas como uma arrogância e um desprezo insuportáveis aos olhos da opinião pública.

Como o macronismo e seu modus operandi podem deteriorar a democracia francesa? Já estamos assistindo à marcha dessa deterioração há vários anos. Macron contribuiu para reforçar consideravelmente um processo de despolitização e de desconfiança em relação às instituições. Naturalmente, a extensão do modelo gerencial ao domínio público e a generalização da forma societária são anteriores à sua eleição. Mas o que antes era um processo insidioso e arrepiante foi teorizado abertamente pelo macronismo. Ainda assim, existem hoje alguns motivos de esperança, pois os protestos atuais dão testemunho de uma profunda resistência a essa visão do mundo. Mas [os manifestantes] precisam encontrar algo mais do que a indiferença e o desprezo por parte do governo. Do contrário, correm o risco da violência e de cair na armadilha populista e autoritária.

MYRIAM REVAULT D'ALLONES, 80, é especialista em filosofia ética e política, professora emérita da Escola Prática de Altos Estudos (EPHE), em Paris, e pesquisadora associada do Centro de Pesquisas Políticas da Science Po. É autora de "L'Esprit du Macronisme" (o espírito do macronismo) e de inúmeros ensaios e livros, como "A Política Explicada a Nossos Filhos" (ed. Unesp, 2018), "A Verdade Frágil - O Que a Pós-Verdade Faz a Nosso Mundo Comum" (ed. Almedina Brasil, 2021) e "Le Crepuscule de la Critique" (o crepúsculo da crítica), lançado em 2022.